

O imaginário é uma realidade

RESUMO

Nesta entrevista Michel Maffesoli, pensador francês do cotidiano e do presente, herdeiro intelectual de Gilbert Durand, faz uma cartografia da noção de imaginário, definido como a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade.

ABSTRACT

In this interview, Michel Maffesoli, French thinker of the contemporary and of the daily life, as well as intellectual heir to Gilbert Durand, presents his cartographic view of the notion of the imaginary, defining it as the relationship between objective intimations and subjectivity.

PALAVRAS-CHAVE/KEY-WORDS

- Imaginário (Imaginary)
- Tecnologias do imaginário (Technologies of the imaginary)
- Sociologia do presente (Sociology of the contemporary)

A PALAVRA IMAGINÁRIO virou moda. Ainda mais: entrou na linguagem cotidiana. Todo mundo a utiliza. Mas poucos têm uma idéia clara do que significa imaginário no campo das ciências humanas. Michel Maffesoli, sociólogo francês, professor na Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, e diretor do Centro de Estudos do Atual e do Quotidiano (CEAQ), é um dos principais especialistas mundiais desse assunto. Autor de vários livros sobre a sociologia do presente, entre os quais *A Violência totalitária*, *A Conquista do presente*, *A Transfiguração do político: a tribalização do mundo*, *A Contemplação do mundo* e *O Instante eterno*, Maffesoli recuperou a tradição de Gaston Bachelard e de Gilbert Durand quanto à importância do imaginário na construção da realidade.

Nesta entrevista, concedida em Paris, na sua biblioteca, à sombra dos livros dos grandes mestres, Michel Maffesoli enfrenta todas as questões delicadas e trata de apresentar semelhanças e diferenças entre imaginário e cultura, imaginário e ideologia, imaginário e apropriação individual de um patrimônio social. Além disso, Maffesoli ocupa-se de fazer uma cartografia do termo imaginário, distinguindo a linhagem Bachelard/Durand da variante lacaniana dessa categoria. Uma entrevista para quem sempre quis entender o que significa, realmente, imaginário.

Revista FAMECOS – O que é o imaginário?

Michel Maffesoli – Parece-me uma noção que deve muito à maneira francesa de pensar. Quero dizer que, tratando de imaginário em outros países, mesmo europeus, sempre observei que havia certa ambigüidade. Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social,

que seria, digamos, palpável, tangível. Essa noção de imaginário vem de longe, de séculos atrás. A velha tradição é a romântica, em luta contra a filosofia e o pensamento então hegemônicos na França. Tratava-se de demonstrar como as construções dos espíritos podiam ter um tipo de realidade na construção da realidade individual. Durante muitos séculos tudo isso foi abandonado em função da dominação da filosofia racionalista.

Nos 1930s e 1940s, aparece a obra de Gaston Bachelard, que se divide em duas partes: a do Bachelard conhecido e reconhecido, o intelectual voltado para a epistemologia; e, num segundo momento, o Bachelard da “psicanálise do fogo”, dos sonhos, das fantasias, das construções do espírito. Ele mesmo considerava esta segunda parte como em ruptura com a primeira. Na verdade, Bachelard pegou o bastão dos românticos e repôs na cena intelectual procedimentos que se encontravam esquecidos. Assim, mostrou que as construções mentais podiam ser eficazes em relação ao concreto.

Na esteira de Bachelard, surge Gilbert Durand. Bachelard teve dois discípulos diretos: François Dagonnier e Durand. Cada um explorou um caminho. Gilbert Durand trabalhou na confluência da tradição literária romântica e da antropologia, tendo escrito uma obra-prima: *As Estruturas antropológicas do imaginário*. A sua reflexão recuperou o que tinha sido deixado de lado pela modernidade e indicou como o real é acionado pela eficácia do imaginário, das construções do espírito.

RF – O senhor não trabalha com conceitos. Mas, ao menos, alguma definições são possíveis. O imaginário parece, às vezes, a fonte que banha a existência individual ou social, ou o líquido onde estão mergulhados os indivíduos ou grupos sociais e que lhes serviria de alimento. Qual a diferença entre imaginário e cultura?

Maffesoli – A cultura, no sentido

antropológico dessa palavra, contém uma parte de imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração.

A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiano, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável.

Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a idéia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário.

RF – A palavra imaginário está na moda. Pode-se ouvir, a cada instante, alguém falar do “meu imaginário” ou do imaginário de certo grupo. O imaginário é uma

apropriação individual da cultura?

Maffesoli – Para mim, sem tentar precisar a posição de Gilbert Durand, só existe imaginário coletivo. Por isso, falei na idéia de aura, de Walter Benjamin. O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo.

Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido.

O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual.

RF – Também nesse caso não se pode reduzir o imaginário à cultura de um grupo?

Maffesoli – Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Nesse sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltamos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que a ultrapassa e alimenta.

RF – Quando se fala em imaginário, pensa-se, de imediato, em imagem. O imaginário é um conjunto de imagens, armazenadas pelos indivíduos e grupos, capaz de fomentar a ação ou há algo mais, outra ordem de elementos em sua constituição?

Maffesoli – Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. Refiro-me

a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas e por aí fora. Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens.

RF – O imaginário não pode ser considerado como a ideologia, inconsciente, de um grupo social?

Maffesoli – O termo ideologia não me assusta, embora me pareça um tanto datado. Quando se tem uma sensibilidade política aguçada, ao menos era assim durante a minha juventude, ideologia é sempre a postura do outro, do adversário. Mas se retomamos o que era ideologia para Destutt de Tracy, ainda no início do século XIX, trata-se de um conjunto orgânico de idéias. Nesse sentido, Destutt de Tracy foi um pioneiro. Existem muitos conceitos de ideologia. Pode ser, por exemplo, o que está por trás de um discurso político explícito. Enfim, ideologia, conforme pensava Destutt de Tracy, não está longe da idéia de imaginário.

A ideologia, contudo, guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não-racional no olhar ideológico. No fundo do ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação, uma elucidação, uma tentativa de argumentação capaz de explicitar. Há algo, racional, que derivará da aplicação da noção de ideologia. A ideologia é uma premissa que deve levar, necessariamente, a um desvendamento. A ideologia, portanto, é sempre pensada, passível de racionalização.

Já o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a

fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age porque sonha agir. O que chamo de “emocional” e de “afetual” são dimensões orgânicas do agir a partir do espírito. Evidentemente que a prática condiciona as construções do espírito, mas estas também influenciam as práticas.

O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo. Em geral, quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não percebendo o quanto entra na sua adesão outro componente, que chamarei de não-racional: o desejo de estar junto, o lúdico, o afetivo, o laço social, etc. O imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real.

Quando faço uma palestra me acontece, às vezes, de perceber algo que ultrapassa o que estou dizendo. Numa conferência, há sempre uma construção, algo que é argumentado. Mas, muitas vezes, na relação com o público, surge uma forma de intensidade, de partilha, de sintonia, de vibração. Há, nisso, alguma coisa que encontra eco não somente na razão, mas também nos sentimentos dos ouvintes. O imaginário, certamente, funciona pela interação. Por isso, a palavra interatividade faz tanto sentido na ordem imaginária. Há processos interacionais que criam aura. No caso, meu discurso é ultrapassado por uma vibração que supera o argumento e instaura uma sensibilidade comum.

Há sempre uma parte de razão, de ideologia, de conteúdo, no processo descrito, mas também uma alquimia um tanto misteriosa que detona, em certas situações, uma interação. Esse momento de vibração comum, essa sensação partilhada, eis o que constitui um imaginário.

RF – Para certos críticos dessa noção, o

imaginário seria uma espécie de retorno a uma ideologia romântica, ou mística, com forte apego ao telúrico. Essa observação parece-lhe aceitável?

Maffesoli – Não me incomoda que a noção de imaginário seja vista assim. Afinal de contas, não é desabonador nem infamante ser romântico. Por que não? Resta, quem sabe, questionar a idéia de retorno. Nela, há uma aceção de reversão, de regressão, de engano. Penso que certos elementos colocados de lado pela razão retornam, não no sentido do idêntico ou da regressão, mas da ocupação de um novo lugar de destaque. Em outras palavras, nunca desapareceram. Estavam apenas em posição secundária. Ou latente.

Há sempre algo de romântico no político, na defesa das utopias, no sonho de uma sociedade perfeita, na esperança de um mundo redimido de suas falhas, na perspectiva de uma sociedade perfeitamente igualitária, etc. Creio que há, de fato, reaparecimento de uma sensibilidade romântica. Na ecologia, por exemplo, com a revalorização da natureza. No desejo de interação, colocando o holismo acima das perspectivas binárias ou do individualismo. Na convicção de que o homem deve negociar com a natureza, não dominá-la. Aquilo que o romantismo centrava na literatura, na poesia, torna-se, agora, mais abrangente, englobando o cotidiano. Trazer a poesia para a vida, eis a síntese desse novo romantismo.

RF – Existem certos esquemas do tipo: imaginário = romantismo = pensamento despolitizado = ideologia de direita. Do outro lado: racionalidade = ideologia = pensamento de esquerda. Isso funciona?

Maffesoli – Conheço esses esquemas. São equações de ataque. Eu não tenho nada a defender. Os defensores de tais esquemas continuam a pensar de acordo com uma dinâmica binária, dicotômica. De toda maneira, há uma esquerda e uma direita

que se baseiam, modernas que são, nesse tipo de oposição. Temo que essas pessoas tenham sido ultrapassadas pelo concreto, pelo vivido.

Como muitas dessas pessoas, entre as quais figuram os intelectuais modernos, têm o poder de escrever, logo de ditar a realidade, esses esquemas permanecem, falando de um real que talvez não exista mais, a não ser em suas imaginações. Dito de outra forma, tudo isso corresponde ao imaginário de tais grupos ou comunidades intelectuais, ao imaginário moderno. Prefiro estar em sintonia com outros universos, que existem fora da escrita politicamente correta da intelectualidade moderna.

Mesmo uma parte da comunidade intelectual dominante começa a perceber que algo mudou. Então, aquilo que era desprezado ressurgiu, apropriado por quem o condenava, sem, claro, que muitos dos pioneiros na percepção desses fenômenos sejam citados. Não há do que se queixar. Isso faz parte dos procedimentos normais no mundo intelectual. O modelo moderno era belo, coerente e eficaz. Mas, por permanecer congelado, não consegue mais compreender a realidade. O modelo moderno quis reduzir a realidade aos seus parâmetros, e não se adaptar às transformações do real. O imaginário não é de direita nem de esquerda, pois está aquém ou além dessa perspectiva moderna.

Edgar Morin, que continua a participar do debate político, mas sempre soube ir além dele, compreendeu muito cedo, desde os anos 50 e principalmente nos anos 70, os processos de interação próprios da lógica imaginal. Morin foi um dos primeiros a ver, epistemologicamente, a ruína de alguns dos fundamentos da separação entre esquerda e direita. Compreendeu o que havia de não-racional na adesão a uma ideologia dita racional.

RF – Falar de imaginário político é, portanto, uma redundância. Ou haveria um paradoxo escondido nessa expressão?

Maffesoli – Não há paradoxo. Trata-se do reconhecimento do aspecto impalpável dessa aura que é o imaginário. Este encarna uma complexidade transversal. Atravessa todos os domínios da vida e concilia o que aparentemente é inconciliável. Mesmo os campos mais racionais, como as esferas política, ideológica e econômica, são recortados por imaginários. O imaginário tudo contamina. Mostrei em meu livro *A Transfiguração do político* como a passagem da convicção à sedução implica a metamorfose da política.

Para além da argumentação, persuasiva, impõe-se a sedução, ou seja, a emoção. Em política, cada vez mais a persuasão, caso se aceite este oxímoro, funciona pela sedução. Convence-se pela emoção. O imaginário político trabalha a argumentação através de um arsenal de mecanismos emocionais, como os símbolos de um partido, as datas que devem ser comemoradas, os heróis e mitos que devem ser lembrados, os ritos que precisam ser atualizados. O marketing, em política, resume o cruzamento da razão — o planejamento publicitário racional — com a valorização do emocional. De resto, toda a publicidade funciona assim.

Mesmo os mais resistentes, os modernos, são obrigados, com frequência, a reconhecer a força do imaginário nos campos considerados racionais por excelência. Na pós-modernidade, acontece o reconhecimento dessas dimensões alijadas da esfera do conhecimento.

RF – Imaginário é um termo, ou conceito, utilizado por pensadores de origens e referenciais muito diferentes. Qual a verdadeira diferença entre a noção de imaginário de Bachelard e Gilbert Durand e a de Jacques Lacan?

Maffesoli – Não é fácil precisar essa diferença, pois até hoje tenho dificuldade para compreender Lacan. Ou, melhor, as grandes dicotomias que estabeleceu, do

tipo imaginário e simbólico. Para mim, são categorias que tentam conceituar em excesso. Nos anos 30, Lacan não foi estagiar em Viena, mas em Zurique. Aí é que tudo se torna muito interessante. Em vez de ir ao encontro de Freud, buscou Jung. Na França, de algum modo, tentou-se esconder essa trajetória, fazendo-se de Lacan um herdeiro direto de Freud.

Ora, no meu entender, Lacan foi contaminado pelo pensamento de Jung. Isso não é pouca coisa. Jung representa uma abertura, em certos temas, estranha ao freudismo. Mas, ao mesmo tempo, Lacan conseguiu manter-se na boa e verdadeira tradição freudiana. Ou seja, uma tradição que racionaliza o inconsciente. A minha tese é a seguinte: Lacan racionalizou a noção de imaginário que havia aprendido com Jung. A separação em categorias que fez é o resultado dessa necessidade racionalista de disjunção.

Contaminado pelo pensamento de Jung, Lacan o traduziu em termos que lhe eram próprios, os do freudismo. Racionaliza Jung e, em consequência, a idéia de imaginário; Lacan teve uma intuição, a da força do imaginário, que se perdeu na medida em que sua tradição intelectual o obrigou a racionalizá-la. A racionalização, não esqueçamos, significa tornar rígido. Os lacanianos usarão a tripartição imaginário, simbólico, real já sem nenhuma referência ou relação com a influência que Lacan sofreu de Jung. Em outras palavras, a rigidez acentuou-se. Tirou-se do imaginário a sua essência.

RF – O imaginário segundo Durand e Bachelard estaria mais próximo da noção de simbólico em Lacan?

Maffesoli – Sim. De certa maneira. Mas sabendo-se que na obra de Durand existem deslizamentos do simbólico ao imaginário. Em Durand todas as noções são flexíveis. Há um vaivém entre categorias. Em Lacan, ao contrário, cada coisa tem o seu lugar, o que rigidifica e desgasta instrumentos

de conhecimento que só valem enquanto possuem a complexidade da vida. Em Durand, não existe verdadeira diferença entre simbólico e imaginário. Uma coisa contamina a outra. Tanto que sua investigação se dá sobre a imaginação simbólica.

Durand nunca apresentou conceitos precisos de imaginário e de simbólico, pois sempre viu os dois imbricados. Lacan, em contrapartida, apresenta categorias estanques, na boa e velha tradição cartesiana. Na linhagem de Bachelard, cabe lembrar, não existem definições rigorosas, mas aproximações. Bachelard e Durand aliam imaginário ao vivido. Lacan, ao pensado. No fundo, Lacan nunca deixou de ser, apesar do seu lado provocador, um racionalista.

RF – Outros pensadores ocuparam-se da noção de imaginário, entre os quais Cornelius Castoriadis. Outra contribuição, outra leitura?

Maffesoli – A obra de Castoriadis a esse respeito não me agrada muito. Castoriadis sempre foi um intelectual preocupado com a política. Por influência marxista, acreditou, primeiro, na separação, pautada pelo primado da economia, entre infra e super-estrutura. Depois, tardiamente, teve uma espécie de revelação e inverteu essa relação. Com a Instituição imaginária da sociedade, no fim da sua vida, descobre a autonomia do que antes considerava como uma mera superestrutura.

Após essa revelação, ele desenvolveu, de maneira interessante, uma reflexão sobre a força do imaginário. Ao mesmo tempo, um pouco como Lacan, também por determinação da sua formação, acabou por investir numa concepção rígida de imaginário. A tentação do conceito, do rigor cartesiano, levou vários intelectuais a noções rígidas de imaginário, quando a sua força consiste no oposto, na maleabilidade, numa certa imprecisão. Atribuiu, então, ao imaginário o papel que atribuía antes à

infra-estrutura.

O imaginário, certamente, atua nos processos revolucionários, mas não se pode dizer que essa seja a sua prioridade, pois o imaginário opera em qualquer situação, contra ou a favor das revoluções. Há imaginário também na contra-revolução. Fazer do imaginário uma instância necessariamente revolucionária significa dar-lhe um estatuto que, por mais nobre, o limita. Há, mais uma vez, rigidez nessa apropriação. Desaparece, justamente, a autonomia do imaginário.

O imaginário, caso se queira de fato uma definição, presente em *As Estruturas antropológicas do imaginário*, de Gilbert Durand, é a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade. As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Nisso entra, ao mesmo tempo, algo sólido, a vida com suas diversas modulações, e alguma coisa que ultrapassa essa solidez. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade. Uma abre brechas na outra.

Para Castoriadis, no entanto, o imaginário tem uma função determinada. Não por acaso, refere-se à instituição imaginária da sociedade. O termo instituição tem um valor de estabilidade. Ora, o imaginário, para bem ou mal, não é apenas um fator de construção ou de fixação de algo. O imaginário é uma sensibilidade, não uma instituição.

RF – Mesmo que o imaginário seja sempre social, o indivíduo participa dessa apropriação imaginal. Em que medida um ser que diz “meu imaginário” pode recortar do seu modo o imaginário de um grupo?

Maffesoli – Tenho tendência a desvalorizar o papel do indivíduo. Mas claro que o indivíduo existe. O individualismo é uma concepção moderna. Todo o meu trabalho tenta mostrar que, de fato, não há predominância do individualismo. Evidente

que o imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular. Cada sujeito está apto a ler o imaginário com certa autonomia. Porém, quando se examina o problema com atenção, repito, vê-se que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado.

Na maior parte do tempo, o imaginário dito individual reflete, no plano sexual, musical, artístico, esportivo, o imaginário de um grupo. O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional.

RF – Como o senhor analisa a idéia da existência de tecnologias do imaginário, como o cinema, a televisão, a literatura. Em outras palavras, o senhor acredita em instrumentos ou tecnologias de criação de imaginários?

Maffesoli – Claro. Vejo uma valorização da técnica na existência. O imaginário é alimentado por tecnologias. A técnica é um fator de estimulação imaginal. Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários.

Existe um aspecto racional, utilitário, de Internet, mas isso representa apenas uma parte desse fenômeno. O mais importante é a relação, a circulação de signos, as relações estabelecidas. Da mesma forma, a televisão e a publicidade articulam o emocional e a técnica. Tem lógica nisso, pois a lógica da imagem é sempre técnica. Na base, só há imagem pela técnica. Uma escultura é um objeto técnico. Um totem é o resultado da utilização de materiais segundo uma

técnica de construção. A técnica é o artefato.

A luta religiosa contra a imagem sempre foi a guerra contra o artefato, contra o que se considera artificial. Só Deus seria criador. O artificial, portanto, contrariaria o poder criador divino. A imagem sempre incomodou por ser artefato, criação humana, representação artificial gerada pelo homem. A fonte da imagem é tecnológica. Quando há exacerbação tecnológica, há profusão de imagens. Logo, de artefatos.

Na França, atualmente, os principais críticos da Internet, como Dominique Wolton e Philippe Bréton, são racionalistas, de esquerda, etc. Nada surpreendente. Eles têm medo porque a Internet multiplica imagens, produz algo que não é racional. A crítica consiste nisso: Internet não é racional e baseia-se na partilha de imagens. Trata-se da oposição típica moderna ao que não pode ser dominado pelo cérebro, pela razão. A crítica à Internet vem de um pensamento politicamente correto que teme pensar com as tripas.

RF – O mesmo vale para Paul Virilio?

Maffesoli – Sim. Virilio é a mesma coisa. Um pensamento judaico-cristão marcado pela idéia de redenção.

RF – Baudrillard também?

Maffesoli – Também. Embora Baudrillard tenha a grande qualidade de um texto superior e de uma reflexão muito mais sofisticada. Mas quando fala do bombardeio de imagens, incide no mesmo medo do não-racional. Para os intelectuais modernos, na comunicação o que interessa é o cérebro, o conteúdo. Mas não é assim que as coisas funcionam no vivido. A imagem não é um conteúdo. Daí a dificuldade em compreendê-la. Deus, o cérebro e a razão são conteúdos. Ora, a verdadeira revolução pela imagem é a indiferença em relação ao conteúdo, a

valorização da forma. Atualmente, a forma recebe a poderosa ajuda da tecnologia para multiplicar-se.

RF – O cinema de Hollywood pode ser visto como uma eficaz tecnologia do imaginário. Quantos homens tiveram a sua idéia do amor ou da mulher ideal forjada, para bem ou mal, por esse universo de imagens. A crítica racionalista chama isso de manipulação ou de homogeneização. Como o senhor vê a influência dessas tecnologias na formação do imaginário social contemporâneo?

Maffesoli – A idéia de manipulação pertence ao esquema clássico, fortalecido pelo marxismo, que considera o indivíduo indefeso diante da imagem. Isso vale para o cinema de Hollywood, mas também para a televisão e a publicidade. Nesse modelo, o fundamental seria passar um conteúdo. Trata-se do primado da ideologia. A forma seria apenas um suporte. Edgar Morin, ao contrário, em livros como *O Cinema e o homem imaginário* e *As Estrelas*, mostrou que existe uma reversibilidade, um vaivém. Não apenas a imposição de algo que vem de cima, um impacto, mas uma relação.

O criador, mesmo na publicidade, só é criador na medida em que consegue captar o que circula na sociedade. Ele precisa corresponder a uma atmosfera. O criador dá forma ao que existe nos espíritos, ao que está aí, ao que existe de maneira informal ou disforme. A publicidade e o cinema lidam, por exemplo, com arquétipos. Isso significa que o criador deve estar em sintonia com o vivido. O arquétipo só existe porque se enraíza na existência social. Assim, uma visão esquemática, manipulatória, não dá conta do real, embora tenha uma parte de verdade. A genialidade implica a capacidade de estar em sintonia com o espírito coletivo. Portanto, as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários.

Nota

Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, em Paris,
em 20/03/2001.